



Gustavo
Sobral
2025.

PAULO DE
TRAISSO

Desenho de Gustavo Sobral

A CRÔNICA DO POETA PAULO DE TARSO NA TRIBUNA DO NORTE

GUSTAVO SOBRAL

JORNALISTA E ESCRITOR.

Onde, quando, como, para que e por que, ninguém sabe quando de fato nasceu a crônica e de onde veio. O certo é que o gênero –literário e/ou jornalístico, um dos dois, ou ambos, jornalismo literário? – caiu no gosto do brasileiro e fez dos jornais impressos morada.

Cada jornal tinha cronistas para chamar de seus e um fiel público deles leitor. O sucesso do gênero levou à publicação de seletas, antologias, livros, e muitos fizeram carreira como tal: cronistas. No Brasil, temos uma coleção sediada no Rio de Janeiro que fez fama. Entre eles, Rubem Braga, Vinicius de Moraes, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector.

São muitos e seria ótimo se fossem listados e identificados para o conhecimento geral da nação. E o Rio Grande do Norte não deixou de ter os seus. Aqui, ganharam fama no ofício e foram os melhores: Berilo Wanderley, o B.W, Sanderson Negreiros e Newton Navarro, e a essa turma, por uma breve passagem, se juntou um jovem Paulo de Tarso Correia de Melo (1944-2025).

Os anos eram os anos 1960 e a presença da crônica na Tribuna do Norte foi com esse time jamais superado até que B.W escreveu a despedida. B.W embarcou para o Rio e deixou “o assunto cinema nas mãos de dois jovens lúcidos”. Assim surgiu a coluna “O Mundo & Nós”, por Paulo de Tarso, na crônica; e Moacy Cirne falando de cinema.

Se Berilo Wanderley era B.W, Paulo de Tarso virou PT. Parecia um sonho, Paulo diria depois, aos dezoito anos ter uma coluna

diária na Tribuna do Norte ao lado de Sanderson Negreiros, Woden Madruga, Rômulo Wanderley, Wilson Oliveira e Newton Navarro. Foi nessa companhia que Paulo e Moacy chegaram à página 3, onde se reunia essa turma.

Paulo contou que nos melhores dias suas crônicas poderiam ser generosamente classificadas como prosa poética. Crônicas de um jovem nascido em Natal no apagar da guerra. Tempo que sacudiu a cidade com a presença norte-americana e que marcou a sua formação pelas tantas histórias que ouviu dos familiares e da gente que viveu naquele tempo.

Coisa que o poeta que foi transformou em poesia não se sabe quando, e depois virou livro, o “Folhetim Cordial da Guerra em Natal e Cordial Folhetim da Guerra em Parnamirim” e que se confunde com a sua história contada por ele mesmo.

Primeiro você nasce. Não inventaram ainda outra forma de começar. Se você nasce nesta cidade dos Reis Magos em uma noite de abril e blackout, no ano de 1944.

Aos cinco anos de idade lhe arrastam ao cinema. O velho Rex, reinado do nostálgico; lá, você escuta pela primeira vez o que Borges chamou “a música verbal da Inglaterra” e estabelece contato com o cinema americano, então o agridoce fabulário da Guerra Fria.

Para escrever o Folhetim Cordial você tem no mínimo de ser menino chato, dos que gostam de escutar conversa de gente grande. Precisa se encontrar cedo com Monteiro Lobato e a História. Precisa preferir os Inconfidentes aos cowboys. Precisa que uma suave amiga lhe ponha entre as mãos adolescentes o livro de Exupéry.

Precisa, um dia, fazer o caminho inverso dos seus personagens: deixando a definitiva namorada em Natal, “um vale branco entre coqueiros”, transplantar-se durante três anos para a guerra acadêmica em Michigan, onde era então o maior centro industrial do mundo.

Precisa, enfim, esperar o cinquentenário, quase coincidente com o seu próprio, da presença americana em Natal durante a guerra, para contar em versos as estórias da “gasolina com açúcar”, expressão que sintetiza o contato da época entre a civilização americana, já industrial e tecnologicamente evoluída, e a nossa, agrícola, ignorante e doce.

O Folhetim Cordial é um conjunto de trinta e cinco poemas, escritos em quadras ao gosto popular, conjunto em que se movem oitenta e oito personagens, sendo cinquenta e nove imaginários e vinte e nove reais, além dos figurantes, coadjuvantes, grupos, ajuntamentos e multidões que transitam e cabem, miraculosamente, na imaginação e na lembrança.

Desde que se trata da presença americana em Natal, procurou-se, ao escrevê-lo, uma aproximação entre a poesia dramático-narrativa inglesa e o romance popular luso-brasileiro, até porque é menor do que se pensa a distância entre a oitava byrônica e o folheto de cordel nordestino.

Assim é o Folhetim pelo próprio Paulo. Uma marca da relação dele com a cidade do Natal que atravessaria a sua poesia e a sua vida. Paulo nasceu em Natal na rua São Tomé, Cidade Alta, por trás do casarão de Câmara Cascudo e defronte à casa do poeta Augusto Severo Neto. Ambos seus futuros amigos.

Menino, entre os doze e treze anos, já era visto no Salesiano por Jarbas Martins, também poeta, declamando sonetos de Camões, exercendo a sua vocação de leitor e de apreciador da poesia. E foi aos quinze, estudante de inglês no SKIBEU, que descobriu um livro com tradução de alguns poemas de Emily Dickinson. Borges só viria depois.

Dois encontros importantes na vida e na trajetória poética de Paulo: Emily Dickinson e, mais tarde, Jorge Luis Borges. Paulo sempre dizia: minha poesia tem borgismo e emilianismo. E parece que sempre veio escrevendo poesia, mas foi deixando na gaveta.

Carlos Newton Júnior ao comentar a poesia de Paulo aponta que a província vivia naqueles anos 1960 a efervescência da poesia processo e a proposta de Paulo era completamente outra. Por isso, escrever para Paulo se tornou não publicar. Publicar só veio depois. O primeiro livro, “Talhe Rupestre”, apareceu em 1993.

A sua formação, Paulo resumia assim: começa com o primário no Salesiano da Ribeira, o ginásio no “7 de setembro” de professor Fagundes e Dr. Nogueira e o clássico no Atheneu, de uma juventude que se fez nas páginas da Tribuna do Norte, escrevendo a sua crônica diária e na equipe da Secretaria Municipal de Educação ao tempo de Djalma Maranhão e Moacyr de Góes. E foi por causa da coluna que foi trabalhar na secretaria.

Éramos quatro assessores culturais: Newton Navarro, maior de todos, Nísia Bezerra, Iaponi Araújo, pintor, e eu, Paulo de Tarso. Formávamos um grupo em torno de Newton. Eu, Moacyr Cirne, Iaponi Araújo, Carlos Peixoto, José Umberto e alguns outros tantos. Éramos a corte de Newton. Frequentávamos a casa dele quase que diariamente. Discutíamos arte, discutíamos literatura.

No Atheneu, Paulo deu de cara com Newton Navarro professor de português e Dorian Gray Caldas professor de desenho. Newton Navarro foi uma escola para Paulo. *Eu, um jovem fechado, tímido. Newton se queixava de minha timidez e ressaltava o meu dom para a escrita nos trabalhos de redação.*

Depois ele foi morar perto da minha casa. Ai, houve a paixão total da família toda por Newton Navarro. Meu pai que era uma pessoa tendente à austeridade, minha mãe, meus irmãos. A partir daí trocávamos leituras. E havia uma coisa muito sensacional, uma relação muito familiar.

Chegava uma época que ele tinha um grupo de devotos: um rapaz que escrevia romance, José Alberto Dutra; um outro rapaz que pintava, Peixoto; um outro rapaz que pintava, Olavo; Jussier

Magalhães. Os devotos de Navarro. Afora os IAPs, Iaponi, Iaperi, esse pessoal todo.

A amizade com Newton veio depois. E não só com ele. Paulo é parte de uma geração de intelectuais, escritores, artistas, professores, poetas sem igual. Foi parte da “igrejinha” de Zila Mamede, Newton Navarro, Augusto Severo Neto, Deífilo Gurgel, Luís Carlos Guimarães, Celso da Silveira e Myriam Coeli, Dorian Gray, Francisco das Chagas Pereira, Nei Leandro de Castro, Sanderson Negreiros, Diógenes da Cunha Lima, Miguel Cirilo e Moacyr Cirne.

Como vê, a nata da geração pós 45. Frequentei posteriormente o “Salão dos Novíssimos”, “as cocadas”, a Vila Flor, o Cine Clube Tirol e muitos outros grupos.

Paulo se tornaria professor, ensaísta e poeta. Formado em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1967, dono de Master of Arts in Education pela Universidade de Michigan, Estados Unidos, em 1973, casado com Ana Maria Leite Correia de Melo e imortal da Academia Norte-rio-grandense de Letras eleito em 2000 e empossado em 2004.

A temporada nos Estados Unidos fomenta não só o professor, mas também o poeta. É lá que se dá o encontro com Borges. *Sai do país naquele período de predominância das vanguardas, quando se declarava: a literatura está morta. Nos Estados Unidos encontrei-a extremamente viva. Comecei a escrever poesia a sério por lá.*

Conta Carlos Newton Júnior que o encontro com Borges repercute de modo decisivo na poesia de Paulo. Borgianamente, ele converge na sua obra dos textos homéricos à poesia do nosso tempo, mitologia grega do período clássico, mitologia germânica, baladas inglesas, mitologia dos primeiros americanos, romancista popular nordestino, e assim por diante.

Mas antes de tudo isso, veio o Paulo de Tarso cronista.

Na crônica, a estreia é com “Assalto”. Paulo parte da notícia de um assalto. Na terra dos três reis magos, seis magros e mascarados com a cumplicidade de Sandra assaltaram um homem casado, funcionário do serviço de estradas, numa história com uma mulher de cabelos negros em Areia Preta. Verdade ou invenção?

Em “Pavana para o Grande Ponto” o assunto são as filas; em “Domingo” a musa vai vestida da cor da inspiração, o passeio andarà pelas lojas, onde vendem sonhos, embora ele prefira a braçada de rosas, e tudo terminará no bairro longe onde nascem as crianças e dormem as flores. E lá vão esperar as estrelas.

Já em “Suicídio”, o cronista pega emprestado o tema do colega de página. Sanderson fala de um rapaz que cansou de tentar a vida e atentou contra ela. E devaneia (ou não?) sobre o suicida: *Sonhava. Ela dentro de uma casa com dois jarros na janela. Aguados e floridos. Um mundo de poesia inconsciente. Iriam ao cinema nos domingos de tarde. Economizariam as manhãs.*

A noite combinariam que verduras comer no dia seguinte. E ela diria que não esquecesse de comprar o anil (Penso que anil é algo muito importante na vida doméstica. Deve-se tentar tornar as coisas tão azuis quanto possível). E equilibrariam orçamento, escrevendo num livro: economias para pintar a casa de verde.

O tema da crônica de Paulo de Tarso é a vida, assim como Navarro, Paulo olhou para o cotidiano de uma forma lírica, encantada, que sonha. Ao falar dos “Telefones” recém-instalados, o cronista fantasia. Os telefones deveriam ter várias cores.

Vermelho na esquina, só para mensagens de amor. Um verde, de frente ao rio, para apelos e esperanças (...). E naquela rua desbotada telefona um ladrão desiludido. “Estou farto de arrombar cofres, vamos assaltar um jardim?”. Ao que acrescenta o seguinte PS: Há uma estrela que nasce bem dentro de minha janela e quer se meter em todas essas notas. Mas hoje é impossível. Quem já viu estrela telefonando?

Este é o PT cronista, profundamente poético.

A maneira dos cronistas de sua geração, Paulo toma como partida um fato ou dado concreto, um acontecimento. É a partir dele sonha uma cena do cotidiano sobre a qual imagina e cria a crônica e faz uma peça literária em busca da prosa poética. PT chega a essa forma em “Independência” sobre a qual tudo que se diga mais será em vão, leia:

Podo parecer coisa de menino da escola, mas de qualquer maneira, hoje é sete de setembro. E lá vou eu por suaves caminhos de infância. A sala grande do colégio, calça azul, camisa branca, soneto decorado em compasso quaternário. Depois o pátio embandeirado (o coração idem), o diretor falando de olhos para cima. O amor à pátria. Porque, ao amor da pátria, vieram substituir sentimentos menos ingênuos e bem mais devastadores?

E o Hino à Bandeira, falando num senhor Augusto da Paz, que eu imaginava gordo e bonachão e por quem sempre tive muito respeito. E a bandeira subindo. E o menino puxando o cordão bem devagarinho, fazendo inveja.

A história da Independência peneirada na imaginação: D. Pedro num cavalo bem branquinho, espada espetando as nuvens, brilhando ao sol. Tudo parado. Só o riacho correndo. E o grito ecoando, ecoando. E uma borboleta voando, porque borboleta amarela não pode mesmo estar parada.

E a menina que foi recitar e esqueceu os versos? “A pátria é céu azul, é céu azul...” E desatou o pranto. Lembrou que céu azul cobre muita tristeza. — P. T.

Repare na concisão das crônicas de Paulo. São pequenos exercícios. O cronista é também dado a recados: Para N.N um obrigado pela crônica de quarta-feira. E, para responde-la só o eco, repetindo bonito como você diz.

Outros assuntos são quarta de cinzas, o coração sonhador e solitário dos apaixonados, a vizinha da frente, chamada mistério, com as suas trevas, empalidecendo a trepadeira do terraço, tornando tardes tristes e chuvosas, circulando com chofer num carro preto, em seu vestido de cor indecifrável, cor da tristeza.

Até que chega Mimoso, o carneiro. Animal de estimação preferido da infância do cronista. Outros foram uma borboleta e uma galinha chamada Ternura. Qualquer lembrança do porquinho-da-índia de Manuel Bandeira não seria infundada. A poesia de Paulo de Tarso começa em prosa, nessas crônicas, como um exercício e escola do gênero.

A infância, a rua, as notícias do jornal, a figura da amada, o tempo, a passagem do tempo, os acontecimentos do tempo, sejam as manhãs, as tardes, os dias, os meses (quarta, sábado, domingo, setembro), com a presença sempre das estrelas, da rua, da vizinhança, das flores, dos temas de vida e morte, como o suicídio, o assassinato, do insone e do sono.

A safra das acácias está chegando. A safra das acácias está chegando. A safra das acácias está chegando. Um hino para um sábado em setembro anuncia a safra das acácias. Há uma circularidade na crônica com certas repetições que viram um estribilho, uma coisa meio rondó. Um “Ai de ti Copacabana”.

Uma coisa até viniciiana, embalada pelos seus sonetos, aquela ideia do sonho de um dia com a figura amada, embaixo das nuvens, em frente ao mar, numa caminhada até o silêncio pela sombra e o vento, em que a amada trará as mãos, a boca, os olhos, tudo para ternura do seu bem-amado. E um pouco do Rubem Braga passarinho.

Um passarinho para companhia, sentados à sombra, sob uma toalha branca e a margarida que colheram no caminho, e, quando a tarde chegar, e quando a tarde for entristecendo você, então, irá

cantar baixinho. E os coqueiros lhe acompanharão. Nós voltaremos devagar, sozinhos. O passarinho mudo, discreto. A tarde chorando. E traremos uma cesta cheia de frutas e versos.

O cronista eterniza os momentos vividos, numa ideia de amor posto que chama no tempo que dura. À musa e à figura amada, soma a ideia do amigo. E tudo é motivo para crônica.

O amigo é também aquele companheiro das lembranças e tristezas compartilhadas, o amigo é também aquele ser de esperança em que mesmo havendo desavenças sempre reside a paz, sentimentos sempre associados e encenados no ambiente da natureza, diante do mar, com o vento, sol, nuvens, o cronista cria os espaços em que ambienta os sentimentos da vida.

As desavenças são cactos e espinhos, a reconciliação é azul. Paulo: Plantei, no meu amigo, todas as minhas sementes de confiança. E, de repente, nos seus olhos nasceram cactos, brotam urtigas na sua voz agora. Porque?

Até que a reconciliação aparece no convite do cronista: *meu amigo, vamos nos sentar à beira da paz, mar sem vento, por grandes remendos de compreensão na velha vela da nossa amizade. Ela é o instrumento que nos leva para substituir os sóis cansados, devassar o azul e pular os muitos horizontes.*

A crônica de Paulo sempre tende para conciliação e o entendimento, mesmo que o assunto seja a tragédia, tudo se resolve numa ideia de esperança. A crônica de PT tem cores, nuvens, vento, praia. Tem as ruas. Crônica urbana que ressalta a natureza, a fuga, os momentos idílicos.

Paulo também utilizou o expediente da carta aberta (crônica “quase carta”) dirigindo-se a Frank Pery (pseudônimo) e nessa crônica declara a sua filiação à turma de cronistas, mostrando-se atualizado com os seus pares e também fazendo do próprio exercício da crônica, crônica:

Seu defensor mostrou à minha discordância sobre o tema de uma sua crônica (futebol), analisando a literatura de nossa vitória internacional criada por meu xará Mendes Campos, o grande Rubem, “nosso” Maria e o desbocado Nelson, (a intimidade é culpa deles), me dizendo que os temas são secundários e o que faz a beleza na literatura é uma vivência interior que conduza a uma perfeição na criação do artista. Tanto faz ele falar de uma ternura envelhecida ou de um sorriso de Pelé. Vê?

Foi o que Paulo fez e naqueles anos 1960, na vanguarda, aos 18 anos. Cantou dos morros, do céu, dos poetas e dos enamorados e tudo isso mais aqui exposto. Sua breve passagem pela crônica seguiu a escola de B.W, Newton Navarro e Sanderson Negreiros. E os que vieram depois não fizeram mais nada que repetir a forma, só multiplicando em números.

Outras mais crônicas de Paulo se seguiram nos meses e ano seguinte a essas crônicas da estreia em setembro de 1962. Foi uma passagem breve e marcante. Nenhum assunto do clássico da crônica faltou ao Paulo cronista, junto a Moacy Cirne, esse escrevendo sobre cinema, e ambos saudados por Newton Navarro: novos companheiros, novos amigos.